

RELATOS BIOGRÁFICOS COMO MÉTODO PARA O ESTUDO DE USOS DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Biographical accounts as a method for the study of uses of digital Technologies

Los relatos biográficos como método para el estudio de los usos de las tecnologías digitales

Simone Munir Dahleh¹
Liliane Dutra Brignol²

Resumo

O artigo discute a metodologia de relatos biográficos para compreensão dos usos táticos de tecnologias digitais por mulheres palestinas migrantes e descendentes que vivem no Brasil. Teoricamente, nos embasamos em Arfuch (2010) e Thompson (1992), para compreensão dos relatos biográficos, e em Certeau (1998), para entender os usos como ações táticas dos sujeitos. Nos interessa ainda, a discussão acerca da memória e do esquecimento, como conceitos políticos que afetam as identidades.

Palavras-chave: Relatos biográfico. Metodologia. Usos táticos. Tecnologias digitais. Mulheres palestinas.

Abstract

The article discusses the methodology of biographical accounts for understanding the tactical uses of digital technologies by Palestinian women migrants and descendants living in Brazil. Theoretically, we rely on Arfuch (2010) and Thompson (1992), to understand the biographical reports, and on Certeau (1998), to understand the uses as tactical actions of the subjects. We are also interested in the discussion about memory and forgetting, as political concepts that affect identities.

Keywords: Biographical reports. Methodology. Tactical uses. Digital Technologies. Palestinian women.

Resumen

El artículo discute la metodología de los relatos biográficos para comprender los usos tácticos de las tecnologías digitales por parte de mujeres palestinas migrantes y descendientes que viven en Brasil. Teóricamente, nos apoyamos en Arfuch (2010) y Thompson (1992), para comprender los relatos biográficos, y en Certeau (1998), para comprender los usos como acciones tácticas de los sujetos. También nos interesa la discusión sobre la memoria y el olvido, como conceptos políticos que afectan las identidades.

Palabras-clave: Informes biográficos. Metodología. Usos tácticos. Tecnologías digitales. Mujeres palestinas.

¹ Doutoranda e mestre (2020) em Comunicação; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. simonemunird@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-8192-1925>.

² Doutora (2010) e mestre (2004) em Ciências da Comunicação; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. liliane.brignol@ufsm.br | <http://orcid.org/0000-0002-7323-038X>.

1. Introdução

O método de história de vida, história oral, método biográfico, autobiográfico é amplamente debatido nas Ciências Sociais e Humanas, principalmente na História, Antropologia e Sociologia. Na área da Comunicação, os métodos que se interessam pela narrativa dos sujeitos comuns ganham força com os estudos culturais, especialmente no jornalismo e na mídia. Arfuch (2010) aponta que na cultura contemporânea, os relatos biográficos estão salientados por meio das entrevistas midiáticas corporificadas em reality shows e talk shows, perfis em redes sociais digitais, testemunhos, relatos de autoajuda etc.

Para este texto, trazemos parte da discussão desenvolvida em projeto de tese, que busca compreender os usos táticos de tecnologias digitais por um grupo de mulheres migrantes e descendentes palestinas que vivem no Brasil. Nesse sentido, o artigo em questão objetiva discutir as contribuições do método de relatos biográficos para o entendimento dos usos táticos de tecnologias digitais por esse grupo de mulheres. Buscamos com essa metodologia a compreensão de tais usos, entendidos a partir da noção de táticas de Certeau (1998).

Teoricamente, nos preocupamos com o conceito de tática de Certeau (1998). Para o autor, as ações dos sujeitos comuns podem ser revolucionárias, ao atuarem e fabricarem seus consumos de forma criativa no interior de determinada estrutura dominante proposta. Em nosso caso de pesquisa, os escritos de Certeau, abrem-nos vias para compreendermos como o grupo de mulheres em questão usa taticamente as tecnologias digitais em suas vidas para manter os laços com familiares na Palestina, para

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

estabelecer novos vínculos no Brasil, para aprender o novo idioma, para manutenção dos laços culturais e políticos, por exemplo.

Além disso, a análise dos relatos biográficos é atravessada pelos conceitos de memória e esquecimento, pois entendemos que a nação Palestina além de ser marcada pela diáspora, é também atravessada por esta dupla dimensão - de esquecimento e memórias - que precisam ser enfatizados como conceitos políticos, já que marcam as identidades e as experiências de seu povo.

Compreender como se desenvolve a relação de mulheres palestinas migrantes/descendentes com as tecnologias digitais pode ser uma forma de entender como estas mulheres resistem/transformam os usos acerca do meio em que vivem/convivem. Já que, como atenta Escosteguy (2019, p. 169), “não existe uma realidade homogênea em torno da ‘mulher’” - poderíamos acrescentar, nem em torno da “mulher árabe”. As mulheres são constituídas pelas diferenças sociais, étnicas, culturais de seus contextos.

Jardim (2000) demonstra em sua análise que a mulher palestina no Brasil, assume um papel social central na estrutura familiar. Segundo relatos coletados pela pesquisadora, os entrevistados atribuem o sucesso ou decadência dos homens às suas esposas administrarem a vida familiar, e em constância, as lojas da família. Nesse sentido, a mulher palestina teria também a função de mediar as relações entre os membros da família e comunidade, além disso, eram as mulheres que mantinham a comunicação com parentes distantes. Em outra pesquisa (2009), a autora chama atenção para solidariedade feminina nesse grupo. Para Jardim, para o entendimento do papel da mulher nessa comunidade, precisaríamos ultrapassar a compreensão sobre o “matrimonial”. As mulheres muçulmanas, geralmente, são analisadas sob o viés da subordinação e dominação masculina. No caso observado pela autora, os planejamentos matrimoniais não estavam relacionados à submissão feminina, mas sim, com algo organizado pelas

mulheres. Por isso, sentimos a necessidade de ouvir o relato dessas mulheres. É através de suas narrativas que pretendemos compreender os seus contextos.

Desse modo, estruturamos nossa argumentação em cinco partes, além desta introdução. Primeiramente, abordaremos nossa compreensão da metodologia dos relatos biográficos, inspirada, principalmente, nos escritos de Arfuch (2010) e Paul Thompson (1992). Na mesma seção, descrevemos como nossa pesquisa se apropria de tal metodologia. Após, relacionamos nossa metodologia com a noção de usos táticos proposto por Certeau (1998). Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos e técnicas que iremos adotar em nossa pesquisa, para, na sequência, mostrarmos a relevância de abordar conceitos de memória e esquecimentos em uma pesquisa que trabalha com um grupo em diáspora, como é o caso da Palestina. Na penúltima parte do artigo, apresentamos pistas de uma entrevista piloto realizada. Por fim, delineamos considerações sobre a pertinência da aplicação da metodologia de relatos biográficos para analisar os usos de tecnologias digitais por mulheres palestinas.

2. Relatos biográficos: uma inspiração metodológica

Reconhecidamente em outras áreas do conhecimento, os métodos que se ocupam com a narrativa dos sujeitos ganham destaque principalmente a partir de 1980. Motta (2000) busca delinear os contornos em torno do relato biográfico³ para a História. Como método, a biografia foi rejeitada por muito tempo pelo campo. Acreditava-se que as histórias de vida dos sujeitos comuns não poderiam fornecer dados para

³ Apesar de a autora não utilizar “relatos biográficos” como um conceito, mas sim, como sinônimo da metodologia que busca ouvir o relato dos sujeitos.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

compreensão do social. Como se tratava de relatos pessoais, o receio era de que o pesquisador se envolvesse sentimentalmente pelo relato do interlocutor, o que lhe diminuiria a capacidade crítica. Nesse sentido, o método biográfico seria rejeitado duplamente: em termos científicos, remeteria à imprecisão; e em termos políticos, seria elitista e conservador, ao preferir o indivíduo do que a “massa”.

As pesquisas conhecidas como quantitativas eram as mais requeridas nesse sentido, já que seriam métodos mais “confiáveis”, que alcançariam a objetividade e, assim, aproximavam-se das ciências exatas. Segundo Motta (2000), foi apenas a partir da década de 1980 que a história política retoma um lugar de renovação historiográfica com a queda de paradigmas dominantes como o marxismo e o estruturalismo.

Com o declínio de ideias da “modernidade”, no qual se acreditava em concepções universalizantes do sujeito e na utopia da razão e da igualdade, a “pós-modernidade” começa a ser pensada em meados de 1980 como uma superação das crises de instituições renomadas. O descentramento do sujeito universal propõe uma nova ideia de valorização dos relatos individuais e das micro histórias, em prol de uma pluralidade de narrativas e vozes. Arfuch (2010, p. 100, grifo da autora) salienta que “toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, *coletivo*, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade” - ainda que múltipla.

Portanto, falamos em nossa pesquisa dos relatos biográficos inspirados, principalmente, no texto de Arfuch (2010) “O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea”. Apesar de a autora dar destaque ao *espaço* biográfico por trabalhar com etnografia, optamos pela perspectiva dos relatos biográficos (também adotado por ela), pois enfatizamos as narrativas. Arfuch propõe complementar uma longa tradição já estabelecida nessa linha de estudos.

O espaço biográfico é movido pela *pergunta*. Segundo Arfuch (2010), os “métodos biográficos” interessados nos relatos de vida aparecem em diversas disciplinas de estudos. Optar por trabalhar com os relatos de vida como um método biográfico pressupõe não tratar mais a linguagem como algo a se buscar, como matéria inerte, “mas, pelo contrário, como um acontecimento de palavras que convoca uma complexidade dialógica e existencial” (ARFUCH, 2010, p. 258). Para Berteaux (2005, p. 10), o relato de vida nas Ciências Sociais é movido por uma forma peculiar de entrevista, a *entrevista narrativa*. A especificidade desse método para o Berteaux, se constitui pela tentativa de uma descrição sobre a estrutura diacrônica da experiência do vivido.

Esse espaço biográfico se constitui em contar a experiência humana em uma temporalidade psíquica dos indivíduos. Como não é possível recuperar o tempo, o instante passado, contamos nossa vida em partes (ARFUCH, 2010). O narrar no presente é perpassado pelo passado e modificado pela temporalidade da vida. Justamente por isso, Thompson (1992) atribui importância à voz do passado no presente.

Thompson (1992, p. 184) destaca que “os boatos não sobrevivem, a menos que façam sentido para as pessoas”. O que o autor busca elucidar é que as fontes orais possuem credibilidades diferentes e diversas, por isso, a não fidedignidade dos fatos, também significa algo. Desse modo, “a história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamentos, mas também sobre como eles são vivenciados e lembrados na imaginação” (Ibid.). As pessoas também imaginam e constroem passados alternativos.

Nesse sentido, marcar o contexto em que os relatos estão inseridos, torna-se fundamental em nossa metodologia. Contextualizar o espaço em que os sujeitos estão, é o que autoriza e legitima o sentido

do relato, segundo Arfuch (2010, p. 132) “não há texto possível fora de um contexto”. É certo que somente o indivíduo pode imaginar a si mesmo, mas os relatos biográficos sempre carregam marcas do contexto, já que os sujeitos vivem em relação ao seu exterior.

Arfuch (2010) ainda mostra como a metodologia pode ser rica ao ser aplicada pensando em uma perspectiva de gênero. A crítica feminista reivindica a “voz *própria* em que as problemáticas identitária, de gênero e de subalternidade se entrecruzam, fazendo da autorreflexão um ingrediente constitutivo e, conseqüentemente, uma ferramenta inestimável dos relatos biográficos” (grifo da autora, p. 265).

Portanto, pretendemos que nossa metodologia de relatos biográficos permita a análise dos usos táticos de tecnologias digitais por um grupo de mulheres palestinas migrantes e descendentes de migrantes que vivem no Brasil. Acreditamos que esse método nos ajudará a compreender a complexidade do nosso grupo analisado, para além dos usos de tecnologias digitais, já que, ao falarem de suas experiências, as mulheres podem construir sentidos de reconhecimento sobre suas identidades, seus papéis sociais e políticos.

Na seção a seguir, discutimos o conceito de táticas proposto por Certeau (1998). É a partir do conceito de táticas que iremos compreender os relatos biográficos das interlocutoras.

3. Usos táticos de Michel de Certeau: a *fabricação* dos sujeitos comuns como modo de subversão

Relacionamos a metodologia de relatos biográficos com o conceito de táticas proposto por Certeau (1998) em *A invenção do Cotidiano* 1. Artes de fazer. Nessa obra, o autor entende que os conhecimentos

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

dos sujeitos comuns produzem inúmeras formas de resistência dentro de um determinado sistema imposto. Assim, nos apropriamos do conceito de táticas de Certeau para analisarmos como são operados os sentidos que atravessam as experiências das mulheres com as tecnologias digitais a partir dos relatos biográficos.

Certeau (1998) nos instiga a enxergar as micro-diferenças produzidas no cotidiano dos sujeitos. O autor ultrapassa a ideia de passividade dos sujeitos sobre os objetos consumidos e acredita numa fabricação do consumo de forma criativa. É desse modo que pretendemos observar os relatos coletados, ou seja, analisar a partir da noção de táticas, os usos que os sujeitos fazem no seu dia a dia de tecnologias digitais.

Para o autor (1998), nas micro ações do cotidiano, os indivíduos são capazes de subverter a configuração cultural instaurada. As táticas dos sujeitos comuns organizam-se de forma sutil, silenciosa, caminhando pelas brechas. São maneiras táticas que os indivíduos encontram para se adaptarem diante do sistema estabelecido. “O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*” (1998, p. 38, grifos do autor). O autor zela pelo processo que se estabelece nas maneiras como os indivíduos se relacionam em seu sistema social. Não fora dele. São ações astuciosas que permitem “dançar conforme a música”.

A pesquisa de Certeau (1998) se insere no campo da enunciação. A fala que não se reduz à língua, mas opera dentro do sistema linguístico. Além da fala e de suas táticas de se operar, outros gestos e ações corpóreas entram nesse sistema de bricolagem que os sujeitos fabricam. Além disso, Certeau salienta que a voz “pura” (1998, p. 222) é mera ilusão, já que ao falarmos estamos sempre inseridos no

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

sistema como um todo: religioso, social, familiar etc. Corpo e pensamento estão lado a lado nesse jogo cultural. Nesse sentido, as táticas podem ser também artes da memória.

Nesse sentido, as táticas de Certeau (1998) nos servem duplamente: ao se preocupar com o uso cotidiano dos sujeitos comuns e por ser uma arte da memória, sempre inserida em um contexto. Isso nos instiga a pensar que, assim como a memória, o relato biográfico será sempre situacional e reconfigurado conforme o presente do sujeito.

Os usos apontados por Certeau (1998) não são homogêneos, ainda que o autor fale de uma “marginalidade de massa” (p. 44). Isso significa pensar os usos como particularidades de cada sujeito, mas que sempre estão inseridos em uma cultura com funcionamentos próprios ou ainda em campos de forças desiguais - sem julgamento de valores, Certeau fala das “engenhosidades do fraco para tirar proveito do forte”. Desse modo, as táticas cotidianas dos sujeitos tornam-se, também, ações políticas.

Ao dar ênfase às práticas do cotidiano, Certeau (1998) deixa delimitado que o que importa:

é o trabalho de ultrapassagem operado pela insinuação do ordinário em campos científicos construídos. Bem longe de se dar arbitrariamente o privilégio de falar em nome do ordinário (ele é indizível), ou de pretender estar neste lugar geral (seria falsa ‘mística’), ou, pior, de oferecer à edificação uma cotidianidade hagiográfica, trata-se de atribuir à sua historicidade o movimento que reconduz os procedimentos de análise para suas fronteiras, até o ponto em que se mudam, ou mesmo se perturbam, pela irônica e louca banalidade [...] (p. 64).

A antropóloga Aouragh (2011) exemplifica em sua pesquisa os diversos usos que os palestinos faziam da internet. Dentre eles, desmistificar a imagem que o ocidente tem sobre os palestinos, como arcaicos, retrógrados, etc. A pesquisa mostra ainda, como os palestinos reivindicam e divulgam a

identidade nacional na internet como uma comunidade imaginada, já que seus direitos civis e de cidadania lhes são negados. Ademais, Aouragh demonstra que a mobilidade promovida pela internet ajudaria a superar as imobilidades do espaço físico, “uma virtude significativa da tecnologia da internet é sua capacidade dupla, ao mesmo tempo de transnacionalizar e localizar” (Ibid., p. 94).

A pesquisa de Aouragh (2011) nos traz indícios para compreensão dos usos de tecnologias pelos palestinos. É nesta via que pensamos em compreender os usos de tecnologias digitais a partir dos relatos biográficos. Procuramos entender como as mulheres migrantes/descendentes palestinas “fabricam” suas “artes de fazer” por meio do modo como narram as suas práticas cotidianas, ao refletir sobre os diferentes modos de usos, resistências, criações e reapropriações que se estabelecem nos ambientes de configuração social/cultural em que se inserem.

Na próxima seção, apresentaremos o modo como construímos nossa metodologia, com os procedimentos adotados e técnicas de pesquisa.

4. Procedimentos metodológicos para compreensão dos usos de tecnologias digitais

Alinhada à dimensão teórico-metodológica dos relatos biográficos e das táticas de Certeau (1998), nossa pesquisa busca contar a narrativa de um grupo de mulheres migrantes e descendentes palestinas de forma a romper com a perspectiva essencialista e naturalizada de contar a história das mulheres palestinas. É através de suas vozes, da sensibilidade de escuta e de nossa análise, que pretendemos construir uma narrativa conjunta/biográfica.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Pretendemos compreender os usos táticos de tecnologias digitais nos eixos migratório, de gênero, político e cultural. Para além da relação migratória destas mulheres, pretendemos compreender os atravessamentos das questões de gênero nesses usos, e de que modo o político e o cultural perpassam ou não suas experiências. Para tal, faremos uso de seis técnicas de pesquisa: entrevistas abertas e semiestruturadas, observação, diário de campo, formulário de identificação, diário solicitado, análise de conteúdo online/off-line.

Nossa primeira técnica de pesquisa é a entrevista aberta com as interlocutoras, tal como uma entrevista piloto sugerida por Thompson (1992). A entrevista aberta está alinhada à compreensão das experiências biográficas de nosso grupo de mulheres. Após essa entrevista mais geral, procuraremos no segundo encontro aplicar os tópicos do roteiro de questões, ainda que busquemos manter o caráter aberto e menos direcional da entrevista semiestruturada. Para o autor (Ibid.), o bom entrevistador consegue aplicar uma variedade do método que responda melhor os objetivos de sua pesquisa.

Como é característico das trajetórias de pesquisas, fomos encontrando a melhor estratégia no decorrer do percurso. Inicialmente, nossa ideia era aplicar somente entrevistas semiestruturadas, mas logo na entrevista piloto, a interlocutora conduziu a atividade para uma entrevista aberta. Por isso, precisamos estar sempre atentos ao modo como nossas técnicas fluem. Percebemos que seria interessante adotar a técnica de entrevista aberta pois estaria alinhada à nossa metodologia de relatos biográficos.

Nos interessamos em compreender como as tecnologias digitais fazem parte da vida de nosso grupo de mulheres. Deixar que elas falem abertamente de suas vidas pode ser um modo sensível de captar os usos táticos dessas tecnologias. Para Thompson (1992), a entrevista aberta é válida quando se pretende fazer um registro da subjetividade, de como um indivíduo olha para sua vida e a narra. Como a

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

ordena, o que privilegia, o que silencia. Entretanto, como alertado pelo autor, é preciso estabelecer um ponto de partida. Por isso, nossa primeira questão para as entrevistas abertas é que elas falem de como vieram para o Brasil (no caso de migrantes) ou a relação delas com a Palestina (no caso de descendentes).

Para captar o não dito, precisamos fazer uso da técnica de observação. Thompson (1992) enfatiza o aspecto fidedigno e preciso das entrevistas, pelas palavras serem empregadas tal qual foram faladas; capturando os silêncios, risadas, temores e incertezas. Para fazer uso de uma observação atenta e sensível precisamos estar totalmente focados e envolvidos com as nossas entrevistas, a fim de incluir novas questões, instigar e não deixar a entrevistada desconfortável com o silêncio - apesar de que, em alguns momentos, esse silêncio ser necessário - neste caso, não podemos interromper.

Como forma de complementar a observação, traremos o diário de campo (Winkin, 1998). É válido aplicar essa técnica logo após o encerramento das entrevistas. É importante evitar fazer as anotações no momento que a entrevista estiver acontecendo, pois pode gerar desconfianças desnecessárias. Por isso, nossa opção é ter um bloco de notas sempre em mãos, para fazer anotações logo que encerrar os encontros.

O formulário de identificação será aplicado no segundo encontro. Percebemos com a entrevista piloto que aplicar essa técnica logo de início poderia intimidar as interlocutoras. O formulário busca coletar dados mais objetivos da entrevistada, como idade, cidade que reside, nacionalidade, estado civil, se possui filhos, etc.

Também no segundo encontro, solicitaremos ainda a criação de diário solicitado (PLUMMER, 2001), sobre os modos de utilizar as tecnologias de comunicação, sites preferidos, vídeos e fotografias caseiras e cartas – como forma de observar as transformações causadas pelo avanço das tecnologias.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Essa técnica de diário solicitado é proposta por Plummer (2001) e se diferencia dos diários íntimos tradicionais, pois nessa técnica se solicita que o informante descreva diariamente sobre algum evento em específico. Com essa predefinição sobre o que relatar. Nesse sentido, o diário solicitado tem como objetivo coletar dados específicos sobre algo. O diário solicitado será adequado conforme a entrevistada preferir, na forma de descrições diárias por *Whatsapp*, gravação de áudio pela mesma plataforma, escrita em outro suporte, etc. A única orientação é que seja um relato diário por uma semana.

Com relação à análise de conteúdo online e off-line, a ideia é que essa técnica seja adequada conforme os usos de tecnologias digitais narrados pelas mulheres. Podemos citar algumas ideias para ilustrar: adicioná-las no Facebook e observar seus perfis, perguntar sobre grupos de *Whatsapp*, observar suas ambiências, seus modos de utilizar determinadas tecnologias digitais, quais são as tecnologias digitais mais recorrentes em suas vidas, etc. Ou seja, não partimos de plataformas pré-determinadas, mas observamos quais são mais recorrentes na vida de cada uma das entrevistadas e adaptamos nossa observação. Além disso, procuraremos solicitar exemplos de capturas de telas (*prints*) de redes de mídias sociais digitais.

Portanto, nossas técnicas se desenvolverão da seguinte forma: selecionaremos nossas interlocutoras por meio da estratégia de bola de neve⁴, faremos o convite explicando a atividade e sua participação na pesquisa. Com o aceite, enviamos o termo de consentimento e marcamos o primeiro encontro. Nesse primeiro momento desenvolveremos a entrevista aberta. Após a finalização da entrevista, marcamos um segundo encontro com a interlocutora. No segundo momento, aplicaremos a entrevista

⁴ Uma interlocutora indica outra pessoa conhecida que possa participar.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

semiestruturada. Logo após a finalização aplicaremos o formulário de identificação e pediremos que a entrevistada realize o diário solicitado por uma semana de seus usos com relação às tecnologias digitais. A observação do material online e off-line será realizada no período em que estiver ocorrendo a etapa empírica da pesquisa, e com o que conseguirmos coletar do diário solicitado.

Por fim, devemos estar atentas, não forçar um assunto do qual a entrevistada não queria falar, devemos respeitar o que é dito. É preciso manter a concentração na entrevista, acenar com a cabeça, transmitir confiança, não levantar e logo sair da entrevista e respeitar o limite de tempo. Thompson (1992) sugere de uma hora e meia a duas horas de encontro.

No próximo tópico, buscamos delinear os contornos em torno da problemática da memória e do esquecimento, como uma discussão fundamental para quem se propõe trabalhar com os relatos biográficos e narrativas palestinas. Em nossa entrevista piloto, pudemos perceber algumas pistas sobre o recordar e esquecer das experiências vivenciadas na Palestina. O “lá” parece estar atrelado ao “aqui”. O passado é rememorado espontaneamente no relato da interlocutora.

5. Os relatos biográficos e as problemáticas da memória e do esquecimento na questão Palestina

Os relatos biográficos estão inseridos em um recordar e esquecer, mutuamente. Empreendida no conhecimento das multiplicidades dos indivíduos, a entrevista busca o “retorno do sujeito” (ARFUCH, 2010, p. 23), esse retorno se dá pela memória, já que contamos o passado no presente.

Como salienta Arfuch (p. 24), os ‘métodos biográficos’ interessam-se pela voz e pela experiência, com uma obsessão na memória dos sujeitos. Peixoto (2018, p. 101) observa que a memória carrega consigo um “conjunto de saberes e uma pluralidade de tempos acumulados [que são] acionados no momento oportuno”.

Para Halbwachs (1990), precisamos de uma “comunidade afetiva” para recordar: “é necessário que essa reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros [...] o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade” (Ibid., p. 34). A memória nesse sentido opera em alteridade. Os “laços afetivos”, como sustenta Assmann (2016), conferem intensidade às memórias. A memória é o que confere pertencimento a determinada comunidade. Recordar passa a ser uma “obrigação social” (Ibid., p. 122).

Nesse sentido, o espaço biográfico também se constitui como um espaço de resistência. Ao relatar sua experiência e história, o sujeito está possivelmente antecipando o relato dos outros, numa espécie de disputa por voz, “uma resistência a toda a expropriação futura” (ARFUCH, 2010, p. 193). É por isso que assistimos na contemporaneidade a novas narrativas surgindo e se confrontando com as narrativas oficiais. São grupos sociais que reivindicam o direito de contar *seus* lados da história.

Pensando deste modo, podemos dizer que a memória israelense se choca com a palestina. A nação palestina reivindica há muito tempo *seu* contar da história. A história oficial vem sendo escrita pelo Estado de Israel. E este é um dos propósitos que nossa pesquisa de doutorado objetiva, convidar as palestinas a narrar o seu lado da perspectiva histórica.

A luta palestina é perpassada por narrativas de negação e afirmação (Said, 2012), ou ainda, por questões de memória e esquecimento. As censuras e apagamentos simbólicos do território e do povo

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

palestino por parte de Israel, opera em um nível de esquecimento da nação. Esse apagamento se articula a partir de uma reconstrução de uma nova narrativa – israelense, de contar esse passado, em que se define o que é e de que modo se deve rememorar aquele lugar. É por isso que

para os palestinos, os lugares do passado pré-Nakba e a própria terra da Palestina têm uma carga extraordinária. Eles não são simplesmente lugares de memória, mas símbolos de tudo o que foi perdido e lugares de saudade aos quais o retorno é impedido. Os apegos palestinos aos lugares são tanto físicos quanto imaginativos (SA'DI e ABU-LUGHOD, 2007, p. 13, tradução nossa).

Portanto, além da memória e esquecimento serem conceitos importantes para quem se propõe trabalhar com a nação Palestina, é igualmente essencial para uma pesquisa que objetiva ouvir os relatos biográficos dos indivíduos.

Em nossa pesquisa, a partir da entrevista piloto⁵, é possível perceber algumas pistas de como a questão da memória e do esquecimento podem ser relevantes para esse grupo de mulheres. A interlocutora entrevistada é uma mulher de 42 anos, nascida na Palestina, em Jerusalém. Atualmente vive em Santana do Livramento, uma cidade na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. É casada e tem um filho. A entrevistada parece relacionar várias de suas lembranças às experiências vivenciadas na Palestina. Alguns achados são trazidos a seguir.

Com o alargamento e o barateamento do acesso às tecnologias digitais, tais como o *Smartphone*, a noção tempo-espço foi encurtada entre familiares e parentes que vivem distantes. O uso das

⁵ Realizada em julho de 2021.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

tecnologias digitais, celular e WhatsApp, especificamente, aparece de forma espontânea no relato da entrevistada. Quando perguntada como fazia para manter contato com os familiares distantes, a interlocutora começa a discorrer sobre sua família na Palestina.

A interlocutora relata que os dias em que faz chamada de vídeo são muito proveitosos para ela, pois consegue ver toda família que mora na Palestina. Comenta que conheceu o seu sobrinho (da irmã que é mais próxima dela - das 6 irmãs e dois irmãos) que nasceu há um ano e pouco, por meio das vídeo-chamadas do WhatsApp. A entrevistada conta que quando foi para Palestina, um pouco antes de começar a pandemia da Covid-19, seu sobrinho a reconheceu e a chamou de “mãezinha”. Ela comenta que esse sobrinho é como se fosse um segundo filho dela. “Ele [sobrinho] chegou [apertou] muito forte em mim, bem diferente de todos sabe, uma conexão”. Neste relato, a interlocutora mostra a importância do celular para conexão com familiares que moram distantes. A “presença ausente” observada por Jardim (2009) se materializa nesse relato. É como se o sobrinho estivesse sempre presente a seu lado, ainda que ausente fisicamente. Nesse sentido, tecnologias digitais, diáspora e memória se conectam. É possível perceber no relato, como a memória é essencial para manutenção de aspectos identitários e culturais.

A entrevistada relata que esse sobrinho é tão conectado a ela, como ela é com a irmã, mãe do menino. Conta que quando sua irmã nasceu, sua mãe logo engravidou de sua outra irmã, a caçula. Isso fez com que a mãe ficasse desestabilizada. Em suas palavras: “não que ela [mãe] não dava carinho, mas ela ficou ‘meio esquecidinha’”. Nisto, a entrevistada logo “adotou” a irmã caçula e cuidou dela. Ela conta, ainda, que são muito próximas. Quando se casou, a irmã chorava e não queria que ela fosse embora, pois era muito apegada. Ainda, relata que a irmã ficou um tempo morando com ela e o esposo, logo quando se casou. Esse relato mostra a ligação das recordações com as linhagens como destacado por Sifuentes

e Zanini (2019). Além de demonstrar um forte apego aos familiares distantes, a interlocutora deixa evidente o apego às experiências vividas na Palestina.

Não conseguimos entrar em questões específicas da memória e esquecimentos como um aspecto político, mas este é um dos objetivos que pretendemos alcançar no desenvolver da pesquisa. Entretanto, foi possível obter alguns insights de como a memória e o esquecimento podem se relacionar aos aspectos identitários, culturais e sociais destas mulheres.

6. Considerações finais

Como visto, metodologias que se dedicam a ouvir o relato dos sujeitos comuns passam a ocupar um lugar importante em diversas áreas do conhecimento, entre elas a Comunicação. Para além de produtos midiáticos, tais como os *talks shows*, o método de relatos biográficos pode ser extremamente válido para a área da Comunicação, visto que se interessa pela narrativa que os indivíduos constroem de si, em relação ao contexto social que vivem. Em nosso caso de pesquisa, mediado pelas tecnologias digitais. Ou seja, por meio dos relatos dos sujeitos comuns, é possível captar marcas de nosso contexto social como um todo.

Com a discussão teórica abordada e a aplicação da entrevista piloto, pudemos perceber que os relatos biográficos e os demais procedimentos metodológicos combinados podem ser úteis para o entendimento dos usos táticos de tecnologias digitais por mulheres migrantes e descendentes palestinas.

Especialmente, no caso das mulheres palestinas, que se caracteriza por ser um grupo em diáspora, o apelo à família e aos aspectos culturais aparecem de forma recorrente nos relatos, como demonstrado

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

em análises anteriores (Jardim, 2000; 2009) e em nossa entrevista. É possível perceber que as mulheres palestinas constroem por meio dos usos de tecnologias digitais, a continuidade do contato com familiares distantes, bem como a manutenção de costumes árabes.

Por fim, além da compreensão dos usos táticos de tecnologias digitais, os relatos biográficos parecem abrir caminhos para o entendimento das complexidades de grupo social pesquisado, uma vez que estaremos dedicadas a ouvir a narrativa que as mulheres contam de suas experiências como sujeitos sociais.

Referências

- Aouragh, M. (2011). *Palestine Online: Transnationalism, the Internet and the Construction of Identity*. London – New York: I.B.Tauris & Co Ltd.
- Arfuch, L. (2010). *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Assmann, J. (2016). Memória comunicativa e memória cultural. *Revista História Oral*, 19 (1), 115-127. Recuperado de <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642/pdf>
- Berteaux, D. (2005). *Los relatos de vida: perspectiva etnosociológica*. Barcelona: Edicions bellaterra.
- Certeau, M. D. (1998). *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Escosteguy, A. C. D. (Coord.) (2019). *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais [recurso eletrônico]: (re)configurações de uma ruralidade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice.
- Jardim, D. F. (2000). *Palestinos no extremo sul do Brasil: Identidade étnica e os mecanismos de produção da etnicidade - Chuí-RS*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Jardim, D. F. (2009). “As Mulheres voam com seus maridos”: a experiência da diáspora palestina e as relações de gênero. *Horizontes Antropológicos*, 15 (31), 189-217. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ha/a/dfYjMyHRNLt7YsJPDkmr9fF/?lang=pt>

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Motta, M. S. D. (2000). O relato biográfico como fonte para a história. *Vidya*, (34), 101-122. Recuperado de <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6727/614.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Peixoto, F. A. (2018). Relembrar Michel de Certeau. *Rev. Antropol*, 61 (2), 96-109. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/148937/146998>

Plummer K. (2001). *Documents of life 2 An invitation to a critical humanism*. London: Sage Publications.

Sa'dih, A., Abu-Lughod, L. (2007). *Nakba: Palestine, 1948, and the Claims of Memory*. New York: Columbia University Press.

Said, E. W. (2012). *A questão da palestina*. 1 ed. São Paulo: UNESP.

Sifuentes, L., Zanini, M. C. C. (2019). Las identidades en el contexto de las mutaciones tecnológicas. In Jacks, N., Schmitz, D., Wottrich, L. (Orgs.), *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero*. Quito, Ecuador: Ciespal.

Thompson, P. (1992). *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Winkin, Y. (1998). *A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo*. Campinas, SP: Papirus.